

11061 - O Moderno Camponês Guidovalense: Reflexões críticas acerca da Agricultura Familiar no município de Guidoval

TEIXEIRA, Daniel Bustamante

Universidade Federal do Rio de Janeiro, danielbteixeira@hotmail.com

Resumo: A motivação para a escrita deste relato de experiência foi uma vivência realizada no município de Guidoval, na Zona da Mata de Minas Gerais. A partir desta experiência, pretende-se analisar criticamente o processo de modernização da agricultura tradicionalmente familiar do município de Guidoval, intensificado a partir da chamada Revolução Verde. De uma maneira geral, o trabalho evidencia a relação de oposição entre tradicionalismo e modernidade, representada pelo contato do paradigma da modernidade com um modo de vida portador de características tidas como essencialmente camponesas.

Palavras - Chave: campesinato, paradigma da modernidade, Revolução Verde

Contexto

A experiência que deu origem a este relato foi proporcionada pelo projeto do EIV (Estágio Interdisciplinar de Vivência) Regional de Viçosa, realizado entre os dias 02 e 26 de fevereiro de 2010 organizado por alunos e financiado pela Universidade Federal de Viçosa, com o apoio do CTA (Centro de Tecnologias Alternativas), e com a parceria de grupos estudantis; do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra); do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens); dos STR (Sindicatos dos Trabalhadores Rurais) dentre outros.

O estágio é dividido em três momentos: num primeiro momento, os estagiários e organizadores reúnem-se na sede do CTA, ficando todos em imersão no espaço, onde comem, dormem e participam dos diferentes espaços promovidos por organizadores e convidados, numa programação previamente definida, com o intuito de trazer diferentes debates e de ser uma preparação para a vivência.

Esta constitui o segundo momento do EIV, onde os estagiários se dividem em pequenos grupos e se espalham por diferentes regiões da Zona da Mata mineira, em assentamentos e acampamentos do MST e do MAB; e em propriedades de agricultores familiares vinculados aos STR. É a experiência da alteridade como um mergulho em uma realidade diferente, onde você se vê como integrante de uma família camponesa ou de uma família do MST.

O Terceiro momento do EIV compreende um período de 4 dias em imersão dos estagiários e organizadores no CTA, onde, seguindo-se uma programação, são discutidas novas questões e rediscutidas questões passadas, levando-se em conta as diferentes experiências das vivências dos estagiários.

Descrição da experiência

Em minha vivência, fui para uma pequena cidade da Zona da Mata de Minas Gerais, nascida e estabelecida às margens do rio Xopotó, tendo sido fundada como cidade em 1948, sendo o nome uma homenagem ao militar francês Guido Marlière, uma figura

histórica da região. Fiquei hospedado na casa de uma família agricultora formada por um casal, que trabalhava na roça, sendo proprietários das terras onde plantavam, e um filho, que fizera um curso técnico e trabalhava como torneiro mecânico na cidade de Guidoval.

Para falar da metodologia, devo começar por fazer uma confissão: a pesquisa de campo levada em conta na escrita deste relato não foi feita com a finalidade de se escrever um trabalho, mas sim com a finalidade de uma vivência. Felizmente, fiz alguns esforços antropológicos durante a estadia que me auxiliaram no processo da escrita: um primeiro esforço, estritamente essencial para a realização do trabalho, foi a manutenção de um diário de campo; o segundo esforço refere-se à forma como compreendo o termo vivência, e como persegui o sentido dessa palavra durante minha estadia.

Acredito que vivenciar diz respeito a compartilhar do cotidiano de um determinado grupo social, a fazer com eles as coisas que eles fazem habitualmente; é compartilhar de sua rotina de trabalho – como observador, é claro, mas essencialmente como participante – e de seus momentos mais banais. Dessa forma, fiz o possível, durante os 12 dias que fiquei em Guidoval, para fazer daquela estadia uma vivência de fato.

Com efeito, o fato de vivenciar a realidade deles; de trabalhar ao lado e de me entediar junto com eles quando por algum motivo não havia serviço a fazer, fez com que eu tivesse percepções acerca da vida social daquelas pessoas às quais não teria acesso se me comportasse como um antropólogo com uma caneta e um bloco de notas. Posso dizer que meu instrumento de trabalho durante a vivência foi mais a enxada do que a caneta; e tenho convicção de que eu não poderia escrever este relato com tão pouco tempo de vivência sem que tivesse vivenciado de fato a realidade, senão de uma comunidade localizada, da família na casa da qual fiquei hospedado.

A experiência da vivência e de todo o processo do EIV me permitiram desenvolver reflexões críticas sobre a realidade social na qual estive mergulhado. Os impactos da Revolução Verde foram se tornando visíveis durante o processo, coexistindo com práticas e tradições camponesas, também visíveis no cotidiano e na organização familiar. Os resultados abordarão os impactos do paradigma da modernidade na realidade de Guidoval, bem como uma discussão acerca do campesinato; as relações de gênero, sendo um tema transversal à própria agroecologia, irão perpassar todo o relato; e, finalmente, na conclusão, falaremos da relação das discussões apontadas com a própria agroecologia, em suas práticas e princípios.

Resultados

No Brasil, a Revolução Verde marca a chegada de um novo paradigma no campo: o paradigma da modernidade. Em resumo, pode-se dizer que ela foi um amplo programa idealizado para aumentar a produção agrícola no mundo por meio de melhorias genéticas em sementes, uso intensivo de insumos industriais, mecanização e redução do custo de manejo.

Com o intuito de analisar os reflexos e consequências do paradigma da modernidade na área rural do município de Guidoval, utilizarei o conceito de paradigma proposto por Edgar Morin. A definição dada pelo autor ao paradigma vai bem além do sentido de paradigma proposto por Khun – paradigma científico. “Como Foucault fez com a episteme” afirma Morin, “utilizarei o termo paradigma não só para o saber científico, mas

para todo conhecimento, todo pensamento, todo sistema noológico". Abaixo a transcrição da formulação proposta:

Vamos propor a seguinte definição: um paradigma contém, para todos os discursos que se realizam sob o seu domínio, os conceitos fundamentais ou as categorias mestras de inteligibilidade, ao mesmo tempo que o tipo de relações lógicas de atração/repulsão (conjunção/disjunção, implicação ou outras) entre esses conceitos e categorias.

Assim, os indivíduos conhecem, pensam e agem conforme os paradigmas neles inscritos culturalmente. Os sistemas de idéias são radicalmente organizados em virtude dos paradigmas.

Essa definição de paradigma caracteriza-se ao mesmo tempo por ser semântica, lógica e ideo-lógica (...). É em virtude desse triplo sentido generativo e organizacional que o paradigma orienta, governa, controla a organização dos raciocínios individuais e dos sistemas de idéias que lhes obedecem.

Como vimos, o conceito de paradigma, para Edgar Morin, diz respeito não somente a um sistema específico de ideias e valores, tampouco ao que seria o “modo de produção” de Marx. O paradigma, na realidade, está por trás da forma como enxergamos o mundo; na forma como operacionalizamos as construções e raciocínios lógicos. Para usar uma linguagem corrente na antropologia, os paradigmas atuam por trás, determinando-os, o Ethos e a Visão de Mundo dos indivíduos

A partir daí abre-se caminho para a compreensão de que os impactos da Revolução Verde, enquanto avatar do paradigma da modernidade, vão muito além dos impactos ambientais e sociais constantemente apontados na bibliografia sobre o tema. Entendo que a Revolução Verde traz necessariamente consigo uma visão de mundo e uma racionalidade específicas; o agricultor seduzido pela Revolução Verde, assim, vê no alimento o preço que ele vale – o seu ‘valor de troca’ ao invés do ‘valor de uso’. Dentro da racionalidade intrínseca ao paradigma, a agricultura é vista como uma empresa, que dessa forma deve ter o fim de otimizar os lucros incrementando a produção.

Para uma análise do caráter camponês ou não-camponês dos agricultores familiares de Guidoval, recorreremos aos estudos de Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre o campesinato brasileiro publicados em 1973. Nesse estudo, um clássico da sociologia brasileira, Maria Isaura classifica o camponês como:

(...) um trabalhador rural cujo produto se destina primordialmente ao sustento da própria família, podendo vender ou não o excedente da colheita, deduzida a parte do aluguel da terra quando não é proprietário; devido ao destino da produção, é ele sempre policultor. O caráter essencial da definição de camponês é pois, o destino dado ao produto, pois este governa todos os outros elementos com ele correlatos.

Outra característica marcante do campesinato, citada por Maria Isaura, é sua constituição familiar. Com efeito, em qualquer forma de campesinato, a “família constitui sempre a unidade social de trabalho e de exploração da propriedade”.

No entanto, como observou a autora, nem toda agricultura familiar comporta-se, por assim dizer, como camponesa. Na bibliografia recente sobre o assunto, costuma-se distinguir entre dois tipos de agricultura familiar: a agricultura familiar camponesa, referida por Maria Isaura; e a agricultura familiar empresarial, que funciona como uma empresa em moldes capitalistas, tendo como objetivo a produção e a venda em primeiro lugar. Em geral, nesses casos, o objetivo de incrementar a produção leva à decadência a policultura, substituída pela monocultura.

Se lançássemos mão dos parâmetros propostos por Maria Isaura em uma análise

sociológica da agricultura familiar de Guidoval, certamente poderíamos concluir, com supostas evidências empíricas, que ela constitui um quadro de agricultura familiar empresarial. Argumentar-se-ia que a principal fonte de renda das famílias da região é proveniente da venda de alimentos produzidos em monoculturas, destinados quase que exclusivamente à venda, e que os agricultores lançam mão dos supostos benefícios da Revolução Verde buscando aumentar cada vez mais a produção destes alimentos.

Essa análise, entretanto, deixaria encobertos os traços de uma tradição fortemente camponesa, nitidamente visíveis na realidade dos agricultores, quando observadas com um pouco mais de atenção; no cotidiano da vida familiar, na divisão marcada de gênero, nas práticas não abandonadas de cultivos de subsistência dentre outros.

Poder-se-ia argumentar que tais práticas constituem meros resquícios e atavismos de uma tradição camponesa já extinta naquela região, tendo sido fagocitada pelo paradigma da modernidade em seus ideais e valores. Dessa forma, seríamos levados senão a concordar, a compreender a afirmação feita por Maria Isaura de que “o campesinato brasileiro encontra-se hoje em vias de desaparecimento”. O que acontece, porém, é que 48 anos depois da afirmação, o campesinato persiste; não em sua forma pura – definitivamente, não acredito em purismos –, mas em diversos sistemas de coexistência, conflito e complementaridade com elementos do paradigma da modernidade, presentes em maior ou menor grau em regiões e situações distintas.

Em uma pergunta clara sobre os agricultores familiares de Guidoval – ‘afinal de contas, são eles camponeses?’ –, eu responderia que não o poderia dizer, muito embora pudesse argumentar que preservam traços, ideais e práticas camponesas transmitidas e reproduzidas nas e através das relações familiares, e que são nitidamente visíveis quando se “está lá”, no cotidiano da vida familiar e do trabalho. ‘Mas ora’, diria o entrevistador, ‘não se comportam eles como empresários?’ Certamente não se poderia negá-lo; outra coisa não justificaria o incessante aumento da produção de alimentos plantados em monoculturas nos últimos 30 anos, apesar do acentuado decréscimo da população rural do município no mesmo período¹. Acontece que o modo de vida camponês, com suas policulturas de subsistência, coexiste, em Guidoval, de alguma forma, com o comportamento empresarial observável nas monoculturas financeiramente lucrativas para o agricultor – ao menos num primeiro momento.

Tomemos como exemplo o papel da mulher nas famílias de Guidoval: tradicionalmente, a mulher camponesa desempenha um papel específico na divisão de tarefas familiar: é ela a responsável por cuidar da casa, cozinhar, cuidar dos filhos, tratar dos animais de menor porte, e cuidar das pequenas plantações no quintal da casa, destinadas sobretudo à subsistência. Em Guidoval, na família em que fiquei e em muitas outras, a mulher desempenhava esse papel – modo de vida camponês –, além de trabalhar fora, uma tarefa tradicionalmente reservada aos homens no modo de vida camponês – impacto exógeno do paradigma da modernidade. Com efeito, esse é um impacto visível da lógica imposta pela Revolução Verde, que modificou as relações de gênero e a divisão de tarefas preservando, ao mesmo tempo, traços tradicionalmente camponeses. Assim, na síntese da dialética da Revolução Verde com uma tradição camponesa, acaba-se criando

¹ Dados retirados do site oficial de Guidoval no dia 20/08/2011:

http://www.guidoval.mg.gov.br/portal1/demografia/mu_dem_pop_rural.asp?iIdMun=100131328

um novo lugar social da mulher, extremamente sobrecarregado com as tarefas da casa e da roça.

Da mesma forma, poderíamos fazer uma análise do êxodo rural; da educação; da juventude; da relação com a terra; dentre tantos outros aspectos modelados e modeladores de uma realidade social específica. É nesse ponto, acredito que podemos propor a agroecologia, não como fator exógeno aos saberes tradicionais que se impõe sobre outras rationalidades sobre a élide do discurso hegemônico científico da modernidade; mas como fator endógeno, construído numa relação horizontal entre técnicos e agricultores. A util e irreparável separação entre a agroecologia e a ciência consiste precisamente no fato da primeira não se assumir como verdade, e por isso levar em conta os saberes populares, tradicionais, camponeses, quilombolas, indígenas, ou quaisquer outros. Acredito que a agroecologia, em sua relação com os ditos povos tradicionais, deve ir além da simplificação representada pelo 'é camponês ou não é?', ou pela própria oposição entre o tradicional e o moderno. Nem tradicional nem moderna – ou a um só tempo tradicional e moderna –, a agroecologia constitui sobretudo um novo olhar; uma nova maneira de se pensar o mundo em busca de um equilíbrio social, ambiental e econômico; a agroecologia constitui-se, finalmente, em um novo paradigma.

Agradecimentos

Aos organizadores e estagiários do XVI EIV Regional de Viçosa; aos meus 'familiares' de Guidoval e a todos aqueles que me concederam entrevistas e contribuíram para a realização desta pesquisa.

Bibliografia Citada

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Ed. Vozes, Petrópolis: 1973.

MORIN, Edgar. *O Método 4. As idéias: habitat, vida, costumes, organização*. Trad. Juremir Machado da Silva. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.